

EU, SANTO DE MADEIRA PECADOR

Apparício Silva Rillo

Dispo-me da camisa
 da calça
 do calçado
 do chapéu sobre o cabelo
 do cabelo
 da sobrancelha
 do bigode triste
 das rugas e vincos sobre a boca amarga
 dos duros pecados da alma
 dos pecados frutificantes do corpo.
 Encarno-me na imagem castigada.
 Tomo seu corpo de século e madeira.
 Diluo-me em lenho e cerne.
 Enrijeço-me em braços de doação e mãos de oferta.
 Planto-me em duras pernas sugeridas.
 Enfibramse férreos meus músculos dúcteis
 meus dedos de baile e flor meus viajeiros pés.
 Meus olhos inquietos aquietam-se em seus olhos
 parados
 de verde-tempo pintalgado a ouro.
 Meu coração se faz semente na jaula de corpo morto
 — vegetal desseivado pelo corte.
 Renasço-me em vertical ascensão de fuste ao vento
 alto de vigoroso tronco
 garços galhos ágeis
 úmida folhagem de pássaros
 canora pluma de ninhos
 bandeira de temporais
 assomo e sombra
 — cedro secular no campo escampo.
 O machado me abate — tombo e traço.
 A lâmina me corta — forma e fôrma.
 A mão do artista me acarinha em cortes
 adelgaça-me o torso.
 De repente a curva da testa, o nariz, olhos e boca.
 O duro queixo de sacrificado.
 O gesto de perdão na corola da mão.
 Vestem-me o rosa, o carmim, o ouro, o azul.
 A água santa me banha, o incenso me seca.
 Uma coroa,
 uma cruz,
 um nome qual.
 Da oficina ao andor, do andor ao altar.
 Dobra-se por mim o joelho do índio.
 Por mim madeira humanizada em corte e cor.
 Como o filho de Deus na escarpa mais alta do monte
 vejo a nascente Redução à sombra de meus pés:
 a reta geometria do povoadão
 e pedra a pedra o templo áspero plantado.
 Negra, a roupeta do padre.

O torso do guarani, músculo e cobre
 vestidos de suor.
 Vigilância no azul
 o mangrulho espetando a distância.
 No dobre do sino o galope dos potros mal domados
 disparando o vento mordendo a cara
 enflechando o cabelo
 rindo no lábio do índio
 cantando flautas nas lanças de taquara.
 O berro do touro secou no couro ao sol.
 Desenha sóis no círculo do laço
 girândola no zum das boleadoras.

O loiro pendão do milho
 a mão na mão do pilão
 batendo tambor tão bom
 socando
 e do grão a farinha
 e da farinha o pão.
 Caminham capuchos de algodão nas vestes claras.
 Ajoelham-se em saias genuflexas
 na sombra incensada e úmida do templo.
 Rótulas na dura pedra: "Sursum Corda". . .
 Dói-me nos olhos a lágrima do índio
 que me louva em latim e uiva como um cão
 - na Sexta-Feira Roxa da Paixão.

Dói-me seu pecado contra o sexto mandamento
 menos luxúria que o bom do instinto são
 - na Sexta-Feira Roxa da Paixão.

Dói-me sua carne flagelada a japecanga
 - na Sexta-Feira Roxa da Paixão.

Dói-me a rubra chama do archote em sua mão
 - na Sexta-Feira Roxa da Paixão.
 Dói-mevê-lo dobrado a meus pés, irracional irmão
 - na Sexta-Feira Roxa da Paixão.
 e morro no altar-mor a seu coro de angústias
 quando os versos do "Cristo Nhandejara"
 cantam do chão
 para o céu e do céu para o chão
 "Conde, êbate, ynenbohi acuera.
 Nandemonangara, ynenbohi acuera.
 Ah, Cristo Nhandejara!"
 sem que eu lhe mereça esta entrega de amor,
 eu,
 santo de madeira
 pecador.